

## Centro Histórico de Oliveira tem tombamento aprovado pelo Conep

\_\_\_\_\_ Página 03



Foto/Produção: Herida Laranjo e Tullio Silva

Proteção garante preservação de edificações que registram o desenvolvimento do município desde o seu surgimento no século 18



PEQUENOS OLHARES  
SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?



\_\_\_\_\_ Confira na página 09

Celebrações da Semana  
Santa exigem cuidados  
com patrimônio

\_\_\_\_\_ Página 05

Silvana Cançado fala da rica  
experiência no trabalho de  
preservação

\_\_\_\_\_ Páginas 06 e 07

Impresso  
Especial

7397091256-DR/MG  
IEPHA/MG

...CORREIOS...

## Peças Desaparecidas



Divulgação

Nesta edição, o Bem Informado traz informações das cinco imagens furtadas na madrugada de 15 de fevereiro deste ano, na Igreja de Santo Antônio, em Itacambira.

São elas: Santana Mestreira, com 56cm de altura, 30cm de largura e 20cm de profundidade; Santo Antônio, com 75,5cm de altura (sem a base), 30cm de largura e 18cm de profundidade; São Miguel, com 68cm de altura (6cm de

base), 22,5cm de largura e 17cm de profundidade; São Sebastião, com 81cm de altura, 39cm de largura e 19cm de profundidade; e São Vicente Ferrer, com 72cm de altura, 42cm de largura e 27cm de profundidade.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo faleconosco no site do Iepha/MG.



## Palavra do Presidente

fernando.cabral@iepha.mg.gov.br

O Conselho Estadual do Patrimônio Cultural – Conep –, em reunião realizada no dia 12 de março, aprovou o tombamento provisório do Centro Histórico de Oliveira.

A proteção proposta pelo Iepha chega num momento em que o rico patrimônio da cidade sofre forte pressão imobiliária já tendo sido registradas perdas irreparáveis.

Oliveira, diferentemente de cidades como Ouro Preto e São João Del Rei, teve seu aparecimento ligado não à procura do ouro e diamante, mas sim à pecuária, agricultura e troca de mercadorias, atividades que, em pouco tempo, foram responsáveis pelo seu rápido crescimento e destaque na região.

Entretanto, apesar de todos os desafios que o desenvolvimento econômico provoca para regiões ou cidades, Oliveira – como ressaltado no processo de proposição de tombamento – ainda conserva o traçado original do povoado e os elementos arquitetônicos mais característicos de sua história.

A importância da proteção do Centro Histórico de Oliveira ultrapassa a preservação arquitetônica e urbanística. Naquele espaço são realizadas, até hoje, as principais manifestações religiosas e culturais do município, destacando-se o Reinado, festejado desde o século 18, os tradicionais blocos de carnaval e as festas que celebram a Semana Santa. Portanto, ao proteger o Centro Histórico, o Iepha leva em conta a representatividade desse conjunto para a história dos oliveirenses e, conseqüentemente, para a história de Minas.

Que o tombamento do Centro Histórico de Oliveira seja mais um instrumento, não só de preservação da memória, mas também represente a sua promoção como patrimônio cultural de Minas Gerais, transmitindo às gerações atuais e futuras o rico legado da “Cidade dos Palacetes”.

Fernando Viana Cabral  
Presidente

## Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Antônio Augusto Anastasia

Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Secretária: Eliane Parreiras

Secretária adjunta: Maria Olívia de Castro e Oliveira

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Presidente: Fernando Viana Cabral

Vice-presidente: Pedrovaldo Caram Santos

Chefe de Gabinete: Danielle Faria

Diretor de Conservação e Restauração: Renato César J. de Souza

Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças: Dirceu Alves Jacome Júnior

Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira

Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)

Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)

Diagramação: Pablo do Prado Soares

Fotos: Izabel Chumbinho

Impressão em papel Reciclado 90g/m<sup>3</sup> - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal

Impressão e acabamento: Rona Editora



CULTURA

Praça da Liberdade, s/nº – 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte – MG

Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br

Envie sua sugestão para: [jornal@iepha.mg.gov.br](mailto:jornal@iepha.mg.gov.br)

# Centro Histórico de Oliveira recebe tombamento estadual provisório



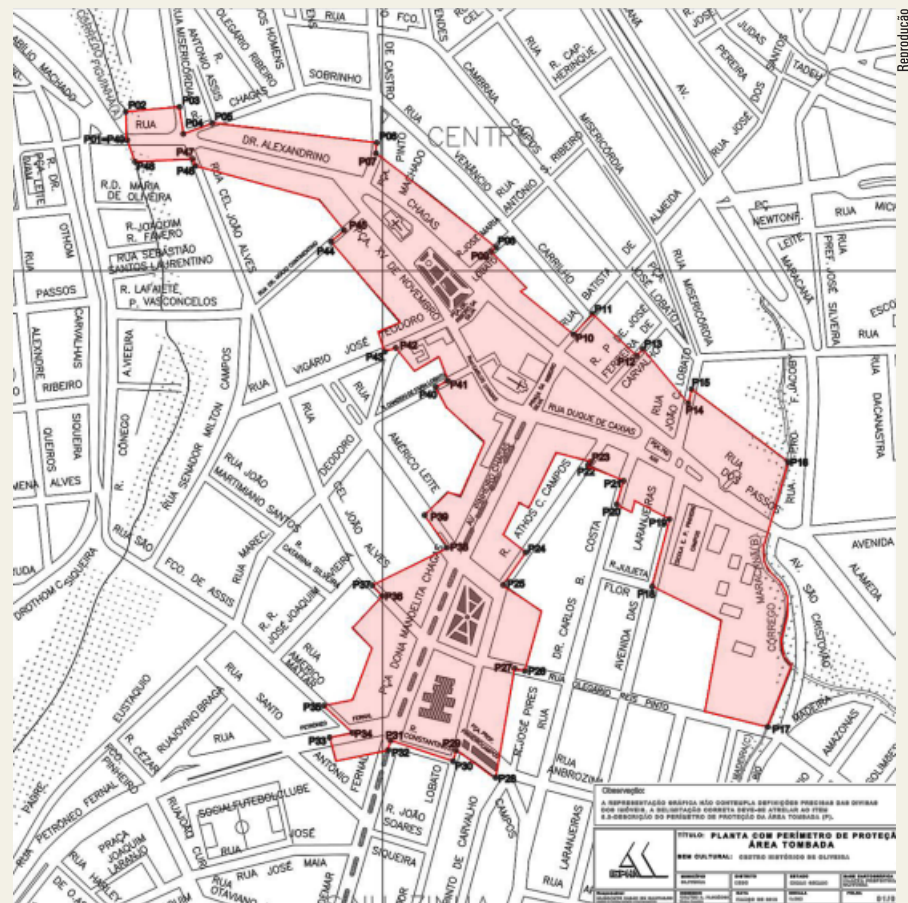
Popularmente conhecida como a *cidade dos palacetes*, Oliveira acaba de ter seu centro histórico tombado pelo Iepha/MG. O estudo, elaborado pelo Instituto para o tombamento, foi apresentado ao Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep), que votou e aprovou a proteção provisória no dia 12 de março, em Belo Horizonte. A proteção ao Centro Histórico de Oliveira vem em meio a uma fase de notável substituição de seu casario histórico, em função de grandes pressões imobiliárias na área central da cidade, tendo acontecido importantes perdas para o patrimônio nos últimos anos, com alguns casarões demolidos e outros em precário estado de conservação.

Um dos poucos centros urbanos coloniais mineiros cuja fundação não se deveu à presença de ouro, sua origem, por volta de 1737, está ligada às vantagens de sua localização, em uma importante encruzilhada de caminhos. Com uma ocupação nos moldes tipicamente portugueses – com divisão entre cidade alta e cidade baixa – mantiveram-se registrados os estilos arquitetônicos e a evolução da sociedade local, de forma muito didática em Oliveira.

Em seu voto, o relator do processo no Conep, Carlos Henrique Rangel, destacou como, no município, ainda é possível observar o traçado original da primitiva povoação, os elementos arquitetônicos mais característicos de sua trajetória ao longo dos séculos 18, 19 e 20, bem como os casarões e sobrados oitocentistas em pau-a-pique e adobe e as edificações em tijolo e concreto ao gosto neoclássico, ecléticas, *art déco* e modernas.

| **Registro do Paraibuna** – Outro processo de tombamento votado pelo conselho durante a reunião foi o do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Casarão do Registro do Paraibuna, em Simão Pereira. O bem, que já possuía tombamento provisório pelo Iepha desde 2010, passa agora a contar com proteção definitiva e inscrição no livro do tomo.

Posto fiscal da época do Império, instalado estrategicamente na fronteira entre Minas e Rio de Janeiro, o sobrado é uma das duas únicas construções remanescentes dentre dezenas destas “alfândegas” controladas pela Coroa Portuguesa que existiam no Estado. Com o declínio da exploração do ouro mineiro, o casarão – que pode inclusive ter hospedado D. Pedro I, em viagem em



1822 – perdeu sua função original. Por mais de um século, sobreviveu como restaurante, hospedaria, depósito e até como criadouro de abelhas, até voltar a ser um lugar de memória. Uma parceria entre a prefeitura local e a Associação do Portal do Caminho Novo tem projetos para que o bem seja totalmente restaurado e passe a abrigar o Centro Cultural Referencial da Memória do Registro do Paraibuna.

## Comissão para o inventário

| Ainda durante o encontro, a diretora de Promoção do Iepha, Marília Palhares, apresentou um primeiro escopo dos trabalhos desenvolvidos pela comissão criada pelo Conep para definir uma regulamentação mais clara e objetiva para a elaboração de inventários. O objetivo é tratar a questão no âmbito da deliberação que regulamenta a distribuição de recursos aos municípios via ICMS Patrimônio Cultural, definindo claramente os efeitos da proteção conferida pelo inventário, mesmo em nível municipal, aos bens culturais. Além disso, a comissão quer ampliar esse debate, levando uma minuta de lei à Assembleia Legislativa de Minas Gerais para que seja posta na pauta a regulamentação do instrumento em âmbito estadual.

## CAP aberto ao público em BH



Foi inaugurado, no dia 19 de março, mais um museu do Circuito Cultural Praça da Liberdade: o Centro de Arte Popular Cemig (CAP), na Rua Gonçalves Dias, 1.608. O espaço ocupa o prédio do antigo Hospital São Tarcísio, que passou por restauração e reforma com acompanhamento de técnicos do lepha para se adaptar à nova destinação.

As obras envolveram desde um trabalho de restauração do edifício, da década de 20, até a implementação de uma estrutura moderna e adequada à instalação de obras de arte. O projeto foi o último desenvolvido pela dupla dos renomados arquitetos Janete Ferreira da Costa e Acácio Gil Borsoy, já que Janete faleceu em 2009.

No CAP, os visitantes poderão conhecer, nas salas de exposição, diversas obras de artistas populares de diferentes regiões de Minas Gerais e do Brasil, num acervo que reúne cerca de 800 peças. O edifício de quatro pavimentos abriga ainda ateliês para oficinas, auditório multiuso, café, loja e um centro de informação.

A exposição inaugural de longa duração apresenta cerca de 360 peças, que retratam as diferentes expressões de arte criadas pelo homem mineiro, ao longo do tempo. Há fotos, vídeos, esculturas, cerâmica, instalações, peças de festas religiosas, ex-votos, oratórios, santos e pinturas populares de artistas como Noemisa, GTO, Artur Pereira, Maria Lira Marques, Dona Isabel, Dirléia Neves Peixoto, Ulisses Pereira, Lorenzatto e Dona Tonica. Foi inaugurada também uma mostra temporária, apresentando uma coleção de oratórios, santos e ex-votos dos séculos 18 e 19, exposta pela primeira vez ao público.

## Restauração de imagem revela surpresa

Uma imagem de santo, que pertencia ao Hospital São Tarcísio, local que vai abrigar o Centro de Arte Popular, ao chegar ao lepha para ser restaurada, revelou uma surpresa. O que até então se acreditava ser uma representação de São Tarcísio, era, na verdade, um São José. No início das obras de restauração, em 2009, a peça foi levada para o ateliê do Instituto, onde foi corretamente identificada.



O mais curioso é que as duas iconografias são muito diferentes, conforme ressalta o diretor de Conservação e Restauração do lepha, Renato César de Souza. Enquanto São Tarcísio é como um menino, por volta dos 12 anos de idade, de feições delicadas, São José é um homem adulto, de barba; e traz em seus braços o menino Jesus.

A imagem fará parte do acervo permanente do CAP, por ser um bem integrado do prédio, e receberá destaque não apenas por sua importância histórica, mas

também por representar justamente São José, o padroeiro dos artesãos.

### Restauração

Ao chegar ao lepha, a imagem de São José, de 61 centímetros, apresentava uma grosseira camada de repintura monocromática de baixa qualidade, que encontrava-se muito craquelada e, inclusive, danificando a peça. Toda esta camada foi removida e foi realizada uma prospecção para identificar novas camadas por baixo.

Foram encontradas outras duas camadas (uma azul e outra em tons de marrom), ambas de baixa qualidade e com menos de 40% de registro. Assim, os técnicos do ateliê de restauração optaram por mantê-la em branco, retirando a camada mais superior que causava uma degradação e, ao mesmo tempo, oferecendo uma apresentação estética à peça.

# Iepha lista cuidados com o patrimônio para a Semana Santa

**B**ens e acervos históricos e artísticos demandam muitos cuidados e atenção especial para sua preservação. Em ocasiões de festividades e celebrações, religiosas ou não, em que grandes multidões se concentram – por vezes de forma pouco ordenada –, é aconselhável que comunidades e paróquias estejam ainda mais atentas.

“A Semana Santa, por exemplo, é um período em que precisamos nos manter em alerta, uma vez que a mobilização é, majoritariamente, em torno das Igrejas, com o uso e exposição mais constante de

peças sacras, parte importante do acervo do patrimônio cultural mineiro”, explica o diretor de Conservação e Restauração do Iepha/MG, Renato César José de Souza. Segundo ele, a preocupação especial se justifica porque neste período as Igrejas estão mais abertas e recebem um grande fluxo de visitantes locais e turistas. Imagens e alfaias que muitas vezes passam o ano guardadas em museus ou em salas seguras, por exemplo, são utilizadas em cerimônias e levadas ao acesso público. “Além disso, a Semana Santa é também momento de procissões e missas especiais, em que peças sacras são tocadas, transportadas e estão muito mais expostas às condições climáticas, ventos, chuvas, fontes de calor, velas e ao próprio manuseio”.

Por conta destas preocupações e para orientar as medidas de segurança do nosso patrimônio cultural, o Iepha/MG se inspirou no manual do bem sucedido projeto português *Igreja Segura* (Bem Informado nº 19, de abril de 2009) e listou alguns cuidados básicos que devem ser observados durante todo o ano e, em especial, neste feriado que vem por aí.



| **Manipulação das peças** – Se remover uma peça, faça-o com o máximo cuidado. Nunca arraste nem pegue ou puxe por saliências mais frágeis. Antes de pegá-la, certifique-se de que o caminho a percorrer está desobstruído e livre, sem obstáculos que possam causar colisões ou quedas. Peça ajuda a terceiros sempre que necessário ou quando não tenha a certeza absoluta de que pode transportar a peça com toda a segurança.



Celebração da Paixão de Cristo, em Ouro Preto



| **Controle de acesso** – Deve haver sempre um responsável pelas chaves da igreja, que deverá manter atualizado, e em local seguro, um registro de todas as chaves existentes e a quem estão entregues.



| **Controle de segurança** – Em uma igreja aberta, é necessário haver sempre uma ou duas pessoas incumbidas da vigilância atenta. Enquanto aberta, o acesso à igreja deve ser limitado por uma única porta, facilitando o controle e limitando as oportunidades de acesso ou saída. Ao encerramento, deve-se verificar o correto trancamento de todas as portas e janelas e, ainda, inspecionar os recintos em busca de pessoas mal intencionadas escondidas.



| **Foto e filmagem** – Não se deve permitir fotografias ou filmagens no interior da igreja, para evitar o registro de detalhes que possam facilitar furto futuro.



| **Incêndio** – Não aproximar fontes de calor, como velas ou projetores de iluminação, das peças sacras. Não deixar velas acesas com a igreja fechada ou sem vigilância adequada. Manter instalações elétricas em bom estado.

# Tempo trabalhado no Iepha foi

Arquivo Pessoal



**S**ilvana Caçado Trindade, coordenadora do Centro de Memória Brenno Renato, da Gerência de Cultura do Minas Tênis Clube, é formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, com especialização em Cultura e Arte Mineira pela Universidade Estadual de Minas Gerais/Fundação Escola Guignard. Nas décadas de 1980 e 90, trabalhou no Iepha, desenvolvendo projetos na área de pesquisa e de proteção ao patrimônio cultural mineiro. Integrou a equipe responsável pela revitalização do Museu Histórico Abílio Barreto, assumindo a coordenação do Inventário do Acervo de Objetos da casa, entre 1993 a 1999. Foi superintendente de Museus da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, entre 1999 e 2004, e diretora de Desenvolvimento de Ações Museais da mesma Superintendência, de 2007 a maio de 2011.

**No tempo em que você trabalhou no Iepha, no setor de tombamentos, a metodologia de pesquisa era bem diferente. Naquela época, qual era a maior dificuldade na elaboração dos dossiês de tombamentos?**

Primeiramente, eu gostaria de situar o período em que eu trabalhei no Iepha. De 32 anos como servidora pública, 24 foram dedicados ao Iepha – de fevereiro de 1979 a setembro de 1999, e de fevereiro de 2004 a junho de 2007 – e os oito anos restantes, à Superintendência de Museus.

Em princípios de 1979, o Iepha dava seus primeiros passos. Tudo se encontrava em fase de construção, ganhando aos poucos forma e conteúdo, tanto no que se refere a questões técnicas quanto administrativas. Desses anos, eu levo comigo as mais caras lembranças. Falo, com orgulho, que integrei a equipe liderada durante quase 20 anos pela Ruth Villamarim Soares, a quem nós todos devemos muito. Acho até mesmo que foi a “nossa

fase heróica”, tal como a do Iphan dos anos de 1930 e 1940. Éramos historiadores, arquitetos e restauradores que chegamos ao Iepha mais ou menos na mesma época, com diferença de meses entre um e de outro. Aprendemos juntos e formamos uma equipe coesa e dedicada, constituída na cumplicidade de quem está construindo um projeto em que acredita muito.

Voltando à pergunta, a nossa dificuldade era uma dificuldade estrutural, que foi determinante para o fortalecimento do Iepha nos anos seguintes: a de construir a própria metodologia do trabalho, seja na área de pesquisa, tombamento, restauração ou obras. Era também o desafio de adotarmos, na realização do trabalho cotidiano, princípios éticos de preservação que personalizassem o Iepha e que imprimissem a marca de uma instituição séria.

Por outro lado, eu acho complicado graduar dificuldades, distinguir o que era mais difícil antes, o que é mais difícil agora. Há uma tendência humana, muito natural, de achar que as dificuldades do presente são maiores, mais pesadas, sobretudo se quem as avalia como mais difíceis é quem as vivenciam.

Tenho convicção de que, na questão do tombamento, o maior desafio será sempre buscar fortalecê-lo como instrumento efetivo de proteção e preservação, uma vez que ele, por si só, nada assegura. Ou seja, a metodologia, a pesquisa, a elaboração dos textos descritivos e analíticos sobre o bem cultural são de suma importância, mas eles são um meio e não o ponto final da preservação. Substanciam o discurso de uma política de proteção consistente e, por isso, eficiente, cuja implementação sempre foi, e ainda é, bastante complexa e – esta sim – é o grande desafio, a grande dificuldade presente em toda a trajetória do Iepha.

**Como você vê a inserção das serras como bens tombados, não mais só como bens naturais, mas também como fonte de cultura?**

Ao tratar os bens naturais na dimensão cultural, o Iepha está validando o paradigma contemporâneo das Ciências Sociais, que atribui à natureza o papel de ser agente que, ao mesmo tempo, determina e modifica a cultura e cuja força condiciona sociedade e cultura. É a aplicação precisa do conceito de Paisagem Cultural, que associa formas físicas e formas culturais, atribuindo-lhes significado e valor. Ou seja, de um lado o olhar formal que descreve aspectos geofísicos, humanos, históricos, sociais e econômicos e, de outro, o olhar subjetivo dos próprios habitantes de uma determinada região, moldado a partir da relação estabelecida entre eles e a paisagem que os rodeia e que lhes aguçava o sentimento de pertencer àquela região. Deste modo, ao abordar as práticas e as tradições culturais de forma integrada aos bens naturais de uma determinada região, sem dúvida, possibilitamos que o tombamento seja um mecanismo efetivo de proteção.

**Você integrou a equipe responsável pela revitalização do Museu Histórico Abílio Barreto. Como foi esse trabalho?**

Foi uma experiência que me marcou de forma definitiva e que deu um novo rumo à minha vida profissional. Eu tive o privilégio de trabalhar no MHAB, sob a direção e coordenação da Letícia Julião, entre maio de 1993 a setembro de 1999, quando então fui para a Superintendência de Museus. Trabalhava no Museu no período da manhã e às tardes, no Iepha. No campo profissional e pessoal, a experiência no

# aprendizado

MHAB foi muito semelhante aos meus primeiros anos no Iepha. Não só em termos de muito aprendizado e desafio, mas também por fazer parte de uma equipe muito apaixonada pelo trabalho e igualmente coesa. Foi uma fase em que aprendi e estudei muito. Além da coordenação do Inventário do Acervo de Objetos, cuja responsabilidade eu dividia com Maria Inez Cândido, também historiadora e com longa trajetória no Iepha, eu trabalhei na coordenação do Programa de Ação Cultural do MHAB, desde a concepção até a realização das oficinas culturais que aconteceram logo depois da inauguração da sede nova em 1998, o que foi um compromisso enorme, pois significava mostrar um novo MHAB para a população de Belo Horizonte.

A experiência foi tão proveitosa que eu me senti suficientemente corajosa para aceitar o convite de trabalhar na Superintendência de Museus, apesar da tristeza grande que senti em ter de me desligar do Museu Histórico Abílio Barreto.

**Durante esses anos na Superintendência de Museus, como foi trabalhar gerindo cinco museus localizados em regiões diversas do estado?**

Eu trabalhei na Superintendência de Museus SUM de setembro de 1999 a fevereiro de 2004 e de junho de 2007 a abril de 2011 – no primeiro período, como superintendente, e no segundo, como diretora de Desenvolvimento de Ações Museais. O desafio foi imenso. Além de gerir cinco museus – Museu Mineiro, em Belo Horizonte, Museu Casa Guignard, em Ouro Preto, Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo, Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana, e Museu do Crédito Real, em Juiz de Fora – a Superintendência era, como ainda é, responsável pela implementação da política de museologia no âmbito de Minas Gerais.

Em ambos os períodos em que eu estive na SUM, a equipe, embora dedicadíssima, era pequena, e o orçamento reduzido. A gestão dos cinco museus envolvia planejamentos museológicos separados, o que significava concepção, execução e acompanhamento dos projetos, incluindo a captação de recursos via leis de incentivo para cada museu. Na outra vertente, a SUM atendia sistematicamente a pedidos de assessoria técnica dos municípios para implantação e dinamização de museus. Na verdade, o que eu considerava ideal colocava-se muito distante do realizado, a despeito da minha dedicação e de toda equipe. O carinho que eu tenho pela SUM passa muito pelo Iepha. A SUM nasceu dentro do Iepha, em 1979. Era chamada Superintendência de Museus e Outros Acervos, responsável pelo projeto de implantação do Museu Mineiro (inaugurado em 1982, do qual participei). Em 1984, com a criação da Secretaria de Estado de Cultura, a SUM se desligou do Iepha e passou a integrar a Secretaria.

O sonho que eu tenho para a Superintendência de Museus é que ela ganhe o formato de Instituto Mineiro de Museus, repetindo os passos do antigo Demu /Departamento de Museus (que pertencia ao Iphan), hoje Instituto Brasileiro de Museus/Ibram/MinC. Eu acho que, com essa estrutura, a SUM poderá cumprir brilhantemente suas atribuições.

**Hoje os museus não são mais espaços estáticos, as exposições propõem uma interatividade com o público, criando uma relação mais próxima. Qual sua opinião?**

Nos museus, a exposição (de longa duração ou temporária) é a principal forma de comunicação museológica, ou seja, é o lugar onde acontece o encontro efetivo da instituição com o seu público e onde o museu emite seu discurso. É o lugar genuinamente de diálogo, o que descortina um campo muito extenso de atuação para os museus, que não se restringe apenas à contemplação ou a um momento de fruição. Toda a intensa movimentação que hoje assistimos nos museus é extremamente positiva. Mas, ao mesmo tempo, essa movimentação, por si só, não é indicador de uma comunicação de qualidade, uma vez que os recursos sofisticados de mídia adotados como ferramenta de comunicação costumam “roubar a cena” da própria exposição, comprometendo, portanto, que os museus exerçam sua função educativa. A movimentação e a interação são indicações de mudança nos museus, mas que devem ser avaliadas também sob o ponto de vista qualitativo.

**Atualmente você trabalha em um setor novo no Minas Tênis Clube (no Centro de Memória Brenno Renato da Gerência de Cultura). Como é trabalhar em um setor responsável por guardar a história de uma instituição tão tradicional como o Minas?**

Eu comecei a trabalhar no MTC em maio de 2011, assumindo a coordenação do Centro de Memória Brenno Renato/ CMBR, que é um espaço vinculado à Gerência de Cultura do clube. No início, a transição do setor público para o privado exigiu de mim disciplina no sentido de me adaptar a um mundo até então desconhecido. O Minas é uma empresa, o que pressupõe outra relação de trabalho. O foco não é o público, definido de uma forma abrangente tal como eu entendia depois de 32 anos de serviço público. Hoje estou plenamente adaptada e integrada com o trabalho. Eu cheguei num momento que favoreceu minha adaptação, que era o da perspectiva da criação do Centro Cultural do Minas Tênis Clube, aberto a toda comunidade, ou seja, com acesso para sócios e não sócios. O Centro Cultural irá funcionar no piso 5 do prédio, em fase final de construção, localizado na Rua da Bahia, no eixo da Rua Tomé de Souza.

O Centro de Memória Brenno Renato fará parte da estrutura desse Centro Cultural, juntamente com outros equipamentos: um teatro, com a capacidade de 600 lugares (no 1º piso); uma galeria de arte; duas salas de cinema, cada uma com 60 lugares, e duas salas de multimeios. O teatro, com patrocínio confirmado e obras em andamento, está previsto para ser inaugurado em princípios de 2013. É claro que, nesse cenário, o CMBR tem o desafio de se renovar tecnicamente, de forma a atender às expectativas e demandas de novos públicos. Com esse fim, concebemos o Programa de Requalificação do CMBR, em fase de execução, envolvendo a realização do projeto de inventário e conservação preventiva do acervo de objetos, fotográfico e fílmico; projeto de higienização e digitalização do acervo arquivístico; projeto de modernização do banco de dados e o projeto da nova exposição de longa duração, com inauguração prevista para o segundo semestre de 2013. Essa mostra terá o propósito de inserir a construção do Minas Tênis Clube no projeto de modernização de Belo Horizonte do final dos anos de 1930 e de 1940 e de também evidenciar o importante papel exercido pelo Minas na disseminação da prática esportiva em todo Estado, além de se propor a narrar a história do clube.

## PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

### Busto de Anita Garibaldi – Belo Horizonte

O detalhe focado neste mês está na base do busto de Anita Garibaldi, feita por João Bossi, e localizada na Ilha dos Amores, no Parque Municipal de Belo Horizonte. A obra, em bronze com pedestal em mármore e alegoria em baixo relevo, idealizada pelo então deputado Fausto Ferraz foi inicialmente instalada na Praça da Estação, em 1913. Porém, por causa de protestos de conservadores locais, que alegavam a heroína não ser legitimamente casada com Garibaldi e a Guerra dos Farrapos, em que ambos se envolveram, ter sido um impatriótico movimento separatista; em 1926, foi transferida para o parque. Inicialmente foi colocada junto ao portão da Avenida Tocantins (atual Assis Chateaubriand), sendo transferida para o local atual em 1929.

Anita Garibaldi nasceu em Santa Catarina, em 1821. Em 1839, uniu-se a Giuseppe Garibaldi, chefe militar de origem italiana, abandonando o marido, e combateu na Revolução Farroupilha. Participou de combates no Brasil e na Itália, destacando-se por sua dedicação e bravura quando as mulheres ainda se limitavam à vida doméstica. Presa em combate durante uma batalha, fugiu a nado, atravessando o Rio Canoas agarrada à crina do seu cavalo.



## Instituições estaduais de patrimônio terão primeiro encontro

Tudo pronto para a realização do I Encontro Nacional das Instituições Estaduais de Preservação do Patrimônio Cultural, entre os dias 24 e 26 de abril, em Recife; organizado numa ação conjunta entre o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha/MG), o Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe). O objetivo central do encontro é promover o fortalecimento das instituições estaduais de preservação patrimonial por meio do conhecimento e da integração de suas políticas de preservação, identificando os pontos de convergência e especificidades nas estruturas e problemas para constituir assim uma rede permanente de informações.

Junto ao convite enviado às instituições da área de todo o país, o comitê de organização do encontro encaminhou ainda um questionário, com o objetivo de conhecer, com antecedência, a situação de cada instituição estadual, suas conquistas e dificuldades. A ideia é que se trace de antemão um panorama geral de todas as Instituições para os debates programados para o dia do encontro.

O presidente do Iepha, Fernando Viana Cabral, lembra que o cenário atual é de completa ausência de articulação entre as instituições estaduais e que, por isso, o objetivo inicial é exatamente instalar o diálogo. “O segundo é realmente

promover a troca de experiências, já que as dificuldades de um já podem ter sido sanadas por outro. Em uma área de atuação como o patrimônio, em que a questão de recursos é sempre algo muito complicado, essa troca de conhecimentos, alternativas e soluções é algo extremamente valioso para nós”. Cabral acrescenta, ainda, que o objetivo é dar continuidade a este diálogo pela realização de novos encontros a partir deste primeiro. “Pretendemos, ao final do encontro, produzir um documento, uma 'Carta de Recife para o Patrimônio Cultural', que queremos encaminhar às autoridades municipais, estaduais e federais”.

Os diálogos que deram origem à realização de um Encontro Nacional das Instituições Estaduais de Preservação Cultural tiveram início ainda em outubro de 2011, quando se encontraram em Belo Horizonte os dirigentes estaduais dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural em Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, e Pernambuco. Na ocasião, constatou-se a necessidade de ser constituída uma rede permanente para integração entre essas entidades, visando à troca de experiências e iniciativas. Uma nova reunião foi realizada em Salvador, no mês de novembro, e o comitê foi formado com as representações de MG, PE e BA.

## Fazenda dos Martins, em Brumadinho, será restaurada pelo Iepha

Sob a imponente moldura da Serra da Moeda e seu Forte, a cidade de Brumadinho deve contar com mais uma grande atração para os turistas em breve, com a restauração e reabertura ao público de uma preciosidade tombada pelo Iepha. Em fevereiro, representantes do Instituto, do Ministério Público Estadual (MPE) e da prefeitura local se reuniram com os proprietários da *Fazenda dos Martins* para a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC).

O documento garante a execução de um projeto de restauração arquitetônica e estrutural pelo Iepha, para que uma das construções rurais mais antigas do estado – e cuja história está fortemente ligada à escravidão e aos quilombos mineiros – possa abrigar o Centro de Referência da Cultura Negra. O TAC assegura um investimento de cerca de R\$ 810 mil para recuperação da fazenda; recurso proveniente de acordos firmados pelo MPE com empresas de mineração que atuam na região, como forma de compensação por danos ambientais causados.

De acordo com o diretor de Conservação e Restauração do Iepha, Renato César de Souza, desde 2008, são empenhados esforços para promover a restauração da Fazenda dos Martins, tendo sido inclusive realizadas ali ações emergenciais referentes à parte elétrica e contratado projetos completos para a sua restauração. “Apresentamos o projeto ao promotor Marcos Paulo de Souza Miranda, do Ministério Público, que partiu em busca dos recursos, agora viabilizados”, conta.



Fotos Acervo Iepha

A Fazenda dos Martins foi construída na segunda metade do século 18. Tombada pelo Iepha em 2 de julho de 1977, é uma das habitações rurais mais antigas de Minas Gerais. Construída em alvenaria de pedra e paredes internas em pau-a-pique, já foi chamada de Casa Grande da Senzala. Segundo antigos moradores da região, sua existência está ligada à história do quilombo Sapé de Brumadinho. Ela teria sido construída por escravos e, segundo análises e registros históricos, projetada por um profissional muito entendido em estrutura, pois seu dimensionamento é perfeito. Da senzala, hoje, só existem ruínas de muros de cerca de 10 metros.

## TAC garante a preservação de Casarão de Berilo

Por meio de Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), a Prefeitura de Berilo, a 545 quilômetros da capital, se comprometeu, junto ao Ministério Público de Minas Gerais, a preservar o Casarão do Inconfidente Domingos Abreu Vieira, também conhecido, como Sobrado Velho ou Sobrado Abreu Vieira.

Tombado pelo Iepha em 2001 – e em obras desde 2009, a partir de projeto elaborado pelo Instituto –, o casarão é o exemplar mais representativo remanescente do período colonial em Berilo. A edificação, que fica bem próxima do Rio Araçuai, corria sério risco de arruinamento por causa de problemas estruturais e desprendimento do revestimento da alvenaria de adobe.

De acordo com o TAC assinado, o município se comprometeu a recuperar e manter o calçamento da Rua Porto, onde fica o sobrado; implantar sistema de iluminação pública e serviço de vigilância permanente no local; estabelecer



condições plenas de construção para funcionamento do Centro de Artes e Ofícios do Alto Jequitinhonha, bem como promover a conservação e a manutenção das peças dos forros artísticos no interior do edifício. Além disso, a administração municipal deverá promover a melhoria do acesso ao casarão.

Os trabalhos serão monitorados pelo Iepha, que irá determinar as orientações e recomendações para as intervenções necessárias para manutenção do imóvel e seu entorno.

### | Inconfidência Mineira

O português Domingos de Abreu Vieira, tenente-coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar de Minas Novas, tinha casa em Ouro Preto, na Região Central, mas visitava com frequência a casa em Berilo. Tornou-se compadre de Tiradentes em 1786, ao batizar sua filha. Participava ativamente das reuniões com os principais revoltosos, a quem prometera pagar a pólvora necessária à revolução.



## Conservatório Mineiro de Música, em Belo Horizonte



Inaugurado em 5 de setembro de 1926, pelo então presidente do Estado de Minas Gerais, Fernando Mello Viana, o edifício de dois pavimentos, localizado na Avenida Afonso Pena, no centro de Belo Horizonte, foi projetado e construído pela Companhia Construtora Nacional para servir de sede ao Conservatório Mineiro de Música. Com mais de mil metros quadrados, erguidos a partir de uma planta em formato de “V”, o bem tem como principal destaque a fachada de composição neoclássica, de sóbria simetria e proporções harmônicas. A colunata, sustentando o coroamento da fachada, ergue-se através dos dois andares, dando aspecto imponente ao conjunto.

Espaço nobre, o prédio teve grande influência na vida cultural da capital mineira nas décadas seguintes. Em 1950, foi federalizado, transformando-se em estabelecimento de ensino superior e, em 1962, foi integrado à Universidade Federal de Minas Gerais, funcionando como sede da Escola de Música da UFMG por mais de 30 anos. Em março de 1988, o lepha efetuou o tombamento estadual do bem.

Com a mudança da Escola de Música para o campus da Pampulha, em 1996, o prédio foi cedido à Prefeitura de Belo Horizonte, para abrigar a Comissão Organizadora do Centenário da cidade, durante todo o ano de 1997. A partir do ano seguinte, o local recebeu investimentos da Universidade Federal, por meio da sua Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep), para revitalização

e restauração. O trabalho – do projeto à execução da obra – foi desenvolvido pelo arquiteto Gaston Oporto.

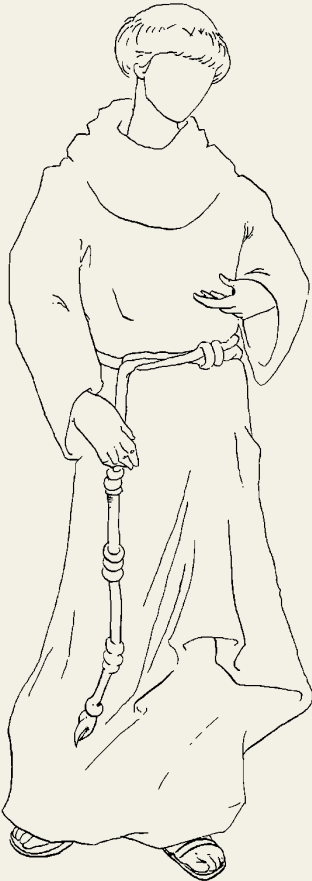
Em agosto de 2000, após ampla reforma e restauração, o Conservatório UFMG foi inaugurado como um novo complexo cultural, com sala de recitais, galerias de exposições, auditórios, salas de aulas e espaço para eventos. As características originais de sua construção foram totalmente recuperadas e foram acrescentados novos atrativos. Um aspecto interessante a se ressaltar é que o prédio nunca perdeu, ou teve alterada, sua destinação inicial, construído que foi para receber funções específicas de uma escola de ensino de música e canto.

**| Pinturas históricas originais** – A edificação conserva, no segundo pavimento, no Salão de Concertos, elementos decorativos da época de sua inauguração. No palco, estão telas em grandes dimensões, do pintor fluminense Antônio Parreiras (1860-1937), datadas de 1926. Do mesmo ano são as 13 telas assinadas por seu filho Dakir Parreiras (1893-1967), expostas nas paredes laterais e ao fundo da mesma sala. Com cores pálidas, uma quase monotonia de tons, a temática de todas as peças se liga a episódios históricos alusivos a Tiradentes. Esta era, aliás, uma marca forte no trabalho da dupla que, dedicada à pintura histórica, era solicitada para compor a ornamentação de diversos edifícios públicos em todo o Brasil, como palácios de governo, prefeituras e bibliotecas públicas.



# Santo Antônio Santo de Casa

Ana Martins Panisset\*



**S**anto Antônio, que viveu no fim do século 12 e parte do 16, é, sem dúvida, um dos santos mais populares do hagiológico católico. No século 19, Leão XIII concedeu a ele o título de "Santo de todo mundo", devido à presença múltipla do pregador e à sua adoração mundial.

O santo é conhecido usualmente como Santo Antônio de Pádua, por ter vivido e falecido nessa cidade italiana. É conhecido também como Santo Antônio de Lisboa, principalmente nos países de língua portuguesa, por ter nascido na capital lusitana em 1195. Santo Antônio morreu aos 36 anos, em 13 de junho de 1231, dia oficializado para a comemoração da sua festa. Devido à popularidade e ao incontável número de devotos e de serviços prestados em nome da fé cristã, foi canonizado 351 dias após sua morte – na canonização mais rápida da história da igreja católica.

No Brasil, a devoção a Santo Antônio vem da herança portuguesa. Assim que seu culto aqui aportou, com os primeiros colonos, disseminou-se rapidamente. A imagem do santo foi difundida por todo o território brasileiro e a devoção, tanto erudita quanto popular, fez com que artistas e artesãos de todos os níveis da hierarquia colonial o representassem. Difícilmente se encontrará uma igreja no Brasil que não tenha a sua imagem. Nas casas particulares, o santo figurava nos oratórios e pequenos altares em sua homenagem.

O sucesso da devoção antoniana trazida pelos colonos lusitanos tem explicações tanto de cunho laico, pelo seu poder mágico com alusões aos milagres e às tradições pagãs, como também de cunho religioso, por seus feitos como estudioso, defensor da Sagrada Escritura e de sua entrega absoluta e total à fé.

Santo Antônio tem uma lista de inúmeros milagres feitos em seu nome e é invocado praticamente para tudo. Dentre as diversas invocações podemos destacar: santo casamenteiro, protetor do amor; restituidor de coisas perdidas; protetor das cidades, das casas e das famílias; advogado das causas justas e menos justas junto à Virgem e ao Menino Jesus e intercessor das almas do purgatório.

Os fiéis com ele falavam, prometiam, dele cobravam soluções e faziam até pequenos negócios como se pode ver em bilhete encontrado debaixo de uma imagem de Santo Antônio, datada do fim do século passado: "Devo q pagarei ao Snr Santo Antonio a quantia de um vintém e meio fazendo o milagre q com elle me pego. Anna" (SANTOS FILHO, 2001, p. 74).

Fatos curiosos da intimidade do devoto com o santo são também verificados nos "castigos" infligidos à imaginária do santo para se obter a graça desejada. Dentre eles: colocar o santo de frente para a parede; amarrá-lo ao pé de uma mesa; mergulhá-lo na água de cabeça para baixo; roubar dele o Menino Jesus; aplicar "surras"; prender à sua tonsura por meio de cola, uma moeda para suborná-lo; enterrá-lo até o pescoço; fervê-lo na água em que se vai fazer o café para oferecer ao pretendente a marido.

A iconografia antoniana possui grande variedade e riqueza, colaborando para uma leitura ampla de sua vida e seus milagres. Alguns atributos surgem na imagem do Santo somente a partir do século 15, como o lírio ou a açucena, e o tipo jovem e imberbe, quase sempre de pé, fixa-se neste século definitivamente. A partir do século 16 suas representações repetem os mesmos temas e atribuições, mantendo uma iconografia quase imutável até o século 18. (BATISTA, 2004, p. 114).

A representação mais tradicional em todas as regiões e durante os séculos é a do santo jovem, com expressividade singela, sem barba e cabelo liso de corte redondo com tonsura monástica. Veste o hábito franciscano com cordão de três nós, e sandálias. Em pé, carrega um livro no braço esquerdo e sobre este o Menino Jesus. Ergue uma cruz na mão direita e/ou flores de lírio.

**Continua na página 12**

## Referências

BATISTA, Marta Rossetti (org.). Coleção Mário de Andrade: religião e magia, música e dança, cotidiano. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, 446 p. (Uspiana: Brasil 500 anos).

PANISSET, Ana Martins. Santo Antônio Santo de Casa: identificação, análise e estudos para conservação de imaginária brasileira. São Paulo: FAAP, 2007. Trabalho de Graduação Interdisciplinar (Curso de Bacharelado em Educação Artística, Habilitação em Artes Plásticas) - Faculdade de Artes Plásticas, Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, 2007.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Aspectos da Imaginária Luso-brasileira em Minas Gerais. Imagem Brasileira, Belo Horizonte, n. 1, p. 63-79, 2001.

# Características da iconografia antoniana e seus atributos

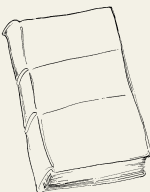
Ana Martins Panisset\*

**Indumentária:** Na maioria das representações, o santo traça hábito franciscano, geralmente marrom, com cordão de três nós, cingindo a cintura. O hábito é em forma da letra grega T (*tau*), referente à cruz franciscana. Os três nós simbolizam os votos de obediência, pobreza e castidade. Muitas vezes o santo calça sandália franciscana, ou é representado descalço para frisar a vocação de frade menor e penitente.

**Jovialidade:** Santo Antônio ingressou na vida monástica muito jovem e morreu aos 36 anos.

**Tonsura<sup>1</sup>:** Atesta seu pertencimento à congregação. Simboliza a vida consagrada a Deus e ao abandono de toda a vaidade.

**Livro:** Sempre posicionado na mão esquerda em esculturas. Pode estar também ao lado ou aos pés de Santo Antônio nas pinturas. Caracteriza o livro dos Evangelhos. Símbolo do saber, do conhecimento das escrituras e da observância da regra religiosa. Representa a grande sabedoria do santo, que foi o primeiro mestre de teologia da Ordem dos Franciscanos e grande pregador da palavra do Evangelho.



**Menino Jesus:** Aparece em cima do livro, sentado ou de pé. Algumas vezes, carregado no colo, sem o livro; outras vezes, o enlaçando seus braços ao Santo, acariciando seu rosto, numa atitude de familiaridade e carinho. Simboliza o milagre da aparição do Menino Jesus para Santo Antônio. Na interpretação dos franciscanos, a presença do Menino na imaginária mostra que Santo Antônio encontrou a pessoa de Jesus Cristo no Evangelho e o apresenta ao próximo como exemplo de vida. Por vezes, o Menino segura o globo em suas mãos.

**Cruz:** O santo ergue-a com a mão direita ou abraça-se a ela. Pode ser representada sozinha ou junto a lírios. Simboliza a devoção para com a paixão de Jesus, a vocação missionária do santo. Também figura na iconografia antoniana porque foi utilizada pelo Santo como "arma" para combater o demônio pregando aos hereges e como instrumento para operar milagres.



**Lírio ou Açucena:** Colocado tradicionalmente na mão direita de Santo Antônio, algumas vezes é entregue pelo Menino Jesus. Símbolo da pureza e da castidade, virtudes reconhecidas em sua vida. Simboliza também a vitória sobre a tentação pela qual o santo passou em sua juventude, o triunfo contra o mal e o pecado através da paixão por Cristo. Em outra interpretação, o lírio aparece em sua iconografia por florescer na cidade de Pádua em junho, mês de seu falecimento.



**Terço:** Geralmente pendurado à cintura, o terço é mais representado na iconografia do século 16. Ele explicita a condição do santo como homem de oração.

**Resplendor:** Reflexo da glória celeste, atributo dado a todos os santos. Representado como a auréola ou o nimbo nas pinturas.



**Pão:** Atributo raro na iconografia da sua imaginária. Remete ao milagre dos pães que originou o "pão de santo Antônio", uma de suas devoções mais abrangentes. Simboliza a vida e a fraternidade.



**Saco de esmolas ou de pães:** Pouco representado, simboliza a "Irmã Pobreza" e a mendicância, tão caras aos primeiros franciscanos. Caracteriza a representação da invocação denominada de Santo Antônio dos Pobres.



Em algumas representações, Santo Antônio aparece com uma chama ou coração na mão, simbolizando sua fé e seu amor a Jesus e Maria. Em certas imagens, ele aparece com os dedos médio e indicador da mão direita levantados juntos, gesto de origem grega que simboliza uma atitude de advertência de mestre que ensina, como a chamar a atenção para quem vai falar.

Os pés de Santo Antônio muitas vezes aparecem um à frente do outro em atitude de quem está sempre "em marcha", caracterizando seu trabalho missionário (GALVÃO, 1995, p.94). Existem ainda em Portugal pelo menos mais três tipos de representações de Santo Antônio: como menino do coro, cônego de Santo Agostinho e soldado.

\*Gerente de Elementos Artísticos do Iepha/MG

## Referências

GALVÃO, Carmen Sílvia Machado; GALVÃO, Antônio Mesquita. Santo Antônio: a realidade e o mito. Petrópolis: Vozes, 1996, 132 p.

PANISSET, Ana Martins. Santo Antônio Santo de Casa: identificação, análise e estudos para conservação de imaginária brasileira. São Paulo: FAAP, 2007. Trabalho de Graduação Interdisciplinar (Curso de Bacharelado em Educação Artística, Habilitação em Artes Plásticas) – Faculdade de Artes Plásticas, Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, 2007.

<sup>1</sup> Corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos eclesiásticos.